

## NOTAS SOBRE OS HOLANDESES NA AMAZÔNIA NO PERÍODO COLONIAL

Reginaldo Gomes de Oliveira\*

### RESUMO

Neste trabalho apresento de forma sintética dados do processo de colonização holandesa na Amazônia. A idéia central desse breve estudo tem como foco a Colônia do Essequibo, como presença política e militar, que viveu uma intensa e dinâmica reelaboração cultural e física devido ao forte contato com os índios da região.

**Palavras-chave:** Índios – Holandeses na Amazônia – Etno-história.

---

\* Professor do Departamento de História da Universidade Federal de Roraima.

## INTRODUÇÃO

Estas páginas foram escritas após reunir fragmentos de conhecimentos coletados durante as minhas leituras e discussões com os alunos em sala de aula sobre o século XVII e a presença holandesa na Amazônia. Desde então, tenho recebido pedido desses alunos para publicar um trabalho sobre essa problemática que é pouco estudada pela nossa historiografia brasileira. A partir de uma experiência sócio-cultural concreta como nativo dessa região amazônica, que é a minha, e contato com experiências de colegas professores e pesquisadores, é que, agora, apresento a minha reflexão nesse artigo. Espero que ele, por sua vez, provoque outros textos e releituras sobre as Histórias Regionais da Amazônia.

O sucesso do holandês na colônia do Essequibo, das brigas entre os indígenas aliados dos soldados holandeses contra os do lado espanhol, no interior dessa região próxima aos rios Orinoco, Essequibo, Uraricoera, Tacutu e Branco, ainda é um evento obscuro na historiografia brasileira quando trata do assunto colonial amazônico dos séculos XVII e XVIII. Para o português estabelecido no rio Negro, em meados do século XVIII, a denominada região da colônia holandesa no Essequibo era bastante vaga, pois tal região não constava em suas informações cartográficas. Nos mapas da época, a ligação da região do Essequibo com o interior amazônico via os rios Rupununi, Tacutu, Cotingo, Uraricoera, Branco e Negro era desconhecida, porém, era disputada pelas nações espanholas, holandesas e portuguesas.

## OS PRIMEIROS EUROPEUS NA COSTA NORDESTE DA AMÉRICA DO SUL

A historiografia que explica o olhar do europeu sobre as terras da costa nordeste da América do Sul, onde hoje é a República Cooperativa da Guiana<sup>1</sup>, oferece como um dos primeiros dados os relatos da terceira viagem feita por Cristóvão Colombo pelo Atlântico Norte em 1498.

---

<sup>1</sup> O termo Guiana significa “terra de águas”. Cf. Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch Settle in Guyana** no site [www.guyana.org](http://www.guyana.org), visitado em 20/02/2006 às 10:12. É um vocábulo indígena que descreve a região cheia de pântanos, rios, igarapés, lagos. Termo que popularizou na fase colonial toda a costa nordeste da América do Sul entre a foz do rio Orinoco e a do rio Amazonas.

No ano seguinte, Américo Vespúcio navegou pela costa da Guiana ampliando as informações e em 1500 Vicente Pinzon também navegou pela referida região costeira, mas não houve intenção de colonização por parte desses navegantes europeus.

Desde 1494, quando os reis católicos da Espanha solicitaram ao Papa Alexandre IV que reconhecesse as novas terras descobertas por Colombo como posse espanhola, vigorava o Tratado de Tordesilhas que dividiu o Novo Mundo entre as duas Coroas Ibéricas: Espanha e Portugal.

A historiografia propagou que o Papa traçou uma linha abaixo do Hemisfério Ocidental e tudo que estivesse a Leste seria de Portugal e o que estivesse a Oeste pertenceria à Espanha. Os autores desse tratado ignoraram as reivindicações dos outros países emergentes na Europa do final do século XV, cujos navios também navegavam pelo Novo Mundo, pela disputa do poder político e econômico sobre o Atlântico. A Inglaterra, a França e a Holanda começaram a lutar contra essa divisão do Novo Mundo e declararam ocupar as terras pertencentes aos reinos Ibéricos Católicos.

No entanto, os espanhóis só começaram o seu interesse pelas terras do Atlântico Norte quando Francisco Pizarro achou ouro na área indígena dos Inca, no Peru. Foi nesse período que eles ouviram também uma história lendária sobre a cidade de Manoa<sup>2</sup> e o príncipe El Dorado. Juan Martinez foi o único sobrevivente de uma expedição comandada por Don Pedro Malaver da Silva, por volta de 1530, que explorou a região do rio Orinoco. Poucos sabem dos relatos dessa expedição, mas encontramos algumas notas que explicaram a captura de Martinez pelos índios do tronco lingüístico karíb. Disseram que ele foi levado com os olhos vendados para a cidade de Manoa onde conheceu o príncipe El Dorado. Depois de liberto, Martinez chegou na ilha de Margarita e Trinidad e espalhou essa fantástica história aguçando o imaginário do homem europeu em busca de tesouros no interior da costa da Guiana, popular “costa selvagem”<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> Uma cidade com palácios cravejados de pedras preciosas, ruas e rios cobertos de ouro, que era governada por um príncipe que cobria todo o corpo de ouro. A cidade de Manoa estaria localizada na margem do lago denominado Parima, entre as planícies que circundam o rio Essequibo e o rio Orinoco (IBGE, 1981).

<sup>3</sup> Cf. Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch Settle in Guyana. Op. cit.**

Em fins do século XVII, Antônio de Berrio era o governador espanhol de Trinidad e foi o responsável pela condução de três expedições pela região do rio Orinoco em 1584, 1585 e 1591. Em um dos trechos de seu relatório de Berrio descreveu sobre a cidade de Manoa e o príncipe El Dorado, apontando para a região do rio Caroni, um afluente do rio Orinoco, como o provável lugar do Lago Parima onde estaria a referida cidade<sup>4</sup>.

Ao buscarmos fontes historiográficas<sup>5</sup> que explicassem essas expedições na costa da Guiana, constatamos que Sir Walter Raleigh, homem de negócios, exímio explorador com experiência militar e favorito da Rainha Elizabeth da Inglaterra, coordenou em 1594 uma expedição à região da Guiana, para confirmar as informações sobre a cidade de Manoa e o príncipe El Dorado. Raleigh enviou uma expedição comandada pelo capitão Jacob Whiddon à região da Guiana com o objetivo de traçar a cartografia para a cidade de Manoa. O capitão retornou para a Inglaterra e apresentou um relatório com detalhes da existência do mito branco (El Dorado). Durante o ano de 1595, o próprio Raleigh decidiu comandar uma expedição e navegou pela região do rio Orinoco em busca do caminho para o vale amazônico onde estaria o Lago Parima e a cidade de Manoa. Por conta da formação montanhosa dessa região criando uma grande muralha entre a savana amazônica e a região do Orinoco Sir Raleigh não encontrou a trilha que os índios utilizavam para chegar ao El Dorado.

De volta para a Inglaterra, para ganhar prestígio e incentivar a instalação de uma colônia inglesa na Guiana, Sir Walter Raleigh publicou suas notas de viagens lançando um livro com o título “The Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Empyre of Guyana” (London, 1596), descrevendo detalhes de suas expedições e explicando a beleza e a riqueza da região, com rios gloriosos, variedades de pássaros, plantas, frutos deliciosos e a Manoa do El Dorado. Raleigh comentou do seu encontro com os índios guerreiros do grupo Karíb, que de acordo com olhar dele eram canibais e mantinham alianças comerciais com os holandeses instalados na região denominada de “Pomeroon Coast”, hoje Guiana (SAN MARTIN, 2002).

---

<sup>4</sup> Cf. Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch Settle in Guyana** no site [www.guyana.org](http://www.guyana.org), visitado em 20/02/2006 às 10:27.

<sup>5</sup> Cf. ACUÑA, 1994; BOXER, 1961; HULSMAN, 2005; OLIVEIRA, 2003; SAN MARTIN, 2002.

Na publicação de Raleigh é que encontramos as primeiras notícias da colônia holandesa na Amazônia. Ao estudar os índios brasileiros no Brasil Holandês (do século XVII), HULSMAN (2005:51) fez referência ao irlandês Bernardo O' Brien del Carpio que escreveu em 1637, em Madri para o rei da Espanha Felipe IV, dando notícias das atividades dos holandeses na Amazônia. Na percepção desse irlandês, que visitou essa região num navio holandês em 1635, os homens dos Países Baixos mantinham relações de negócios e serviços com os ameríndios.

Há um texto de Charles Boxer (1961) que apresentou estudos dos holandeses no Brasil colonial e comentou da presença de uma colônia holandesa na área chamada Pomeroon Coast, por volta de 1581. Ali, os holandeses iniciaram uma exploração comercial com os índios (Caribe, Arawak, Warrau) por meio de troca de sal, diversificando depois para o tabaco, o algodão e os “paus-de-tinta”, consolidando a exploração desse comércio e a circulação de manufaturados europeus por todo o decorrer dos séculos XVII e XVIII.

Outras informações sobre a cidade de Manoa e o seu príncipe El Dorado foram divulgadas entre 1539 e 1542, pelo espanhol Francisco Orellana que navegou pelo rio das Amazonas, partindo do Peru até o Atlântico. Orellana percorreu diferentes labirintos aquáticos entre os rios afluentes do Amazonas, igarapés e igapós. Ele pretendia elaborar um mapa preciso e revelador do caminho para Manoa, que provavelmente estaria na planície amazônica em direção a Guiana. Sem entender direito a língua dos diversificados grupos de índios, Orellana nunca tinha certeza do melhor caminho fluvial a ser seguido entre os rios Amazonas e Negro para a cidade de Manoa.

Durante a exploração no rio das Amazonas e do rio Negro, a expedição portuguesa comandada por Pedro Teixeira (1637<sup>6</sup>) deu notícias também do Lago Dourado, que estaria localizado no Novo Reino de Granada, em uma região que diziam existir um rio que sai pelo Norte (provavelmente o rio Orinoco) e por diferentes afluentes deságua no Amazonas.

---

<sup>6</sup> Há divergências entre os autores sobre a data, o local exato da partida da expedição e o número de pessoas que calculam acima de duas mil, mas o problema fica resolvido com a própria narrativa de Cristóbal de Acuña, o cronista de Pedro Teixeira, que colocou como início da viagem 17 de outubro de 1637 e a chegada no Gão-Pará em 12 de dezembro de 1639. A autorização foi dada por Felipe IV que era o rei da “União Ibérica” (ACUÑA, 1641; reedição pela AGIR em 1994).

Essas informações revelaram que a colônia holandesa na costa da Guiana tinha importância geopolítica significativa. Ao ocupar a região costeira entre a foz dos rios Orinoco (domínio espanhol) e a do Amazonas (domínio português), o holandês estabeleceu representações desse poder político e econômico instalando postos de comércio e normas para garantir sua permanência tanto na costa como no interior e rios da Amazônia.

O colonizador holandês olhava para o interior da Amazônia que lhe era totalmente desconhecida, mas contava com alianças dos nativos de uma realidade colonial européia em disputa por territórios, com a prática de outros costumes culturais e que, segundo indícios de testemunhos indígenas, estaria cheia de riquezas minerais.

Aproveitando a aliança comercial e a relação amigável com os índios, o holandês foi alargando um pouco mais o empreendimento mercantil e, a partir da ação dos indígenas, organizaram a política do comércio em toda a região em direção ao interior amazônico: entre os rios Essequibo, Orinoco, Branco, Negro e Amazonas. Adicionando-se a isto os contatos com as ilhas do mar Caribe.

Pode-se dizer que, utilizando estratégias de cooptação, o campo de poder holandês estendeu-se ao longo da costa da Guiana e penetrou no interior da selva e savana, por meio dos rios navegáveis ou das trilhas terrestres, a fim de intensificar e expandir tanto a rota comercial como o aumento dos lucros. Foi nesse campo de poder que o holandês se mostrou, dialogou e se estabilizou pelas trocas, que se construiu rotas e nas alianças com os grupos indígenas se constitui a imensa rede de comércio amazônico e caribenho.

A inexistência de uma estrutura de poder intermediária facilitou para os holandeses investirem numa política comercial, apoiada numa rede de domínio “capitalista”, sobre as populações indígenas dos referidos rios citados acima. Esse controle do poder europeu sobre essa região de paisagem complexa, intercalada por serras, savanas e florestas, plena de rotas para longas e perigosas caminhadas até os rios navegáveis tornou possível o gerenciamento das relações indígenas, em favor dos holandeses, que souberam se aproveitar das fragmentações interétnicas.

Nesse ambiente, de exploração econômica e alianças culturais, o habitante holandês fez do mercado de trocas a sua arma de dominação colonizadora. Assim sendo, as diferentes etnias indígenas se articulavam numa estrutura política de poder pelo comércio, que se dava por meio dos casamentos e estreitavam os

laços entre os índios. Tal processo político, enfraquecendo as alianças intertribais, acentuou consideravelmente as disputas, incentivando as guerras ligadas à posse de terra e o aprisionamento de índios derrotados nesses confrontos, que eram traficados como escravos (OLIVEIRA, 2003).

O fato de serem favorecidos pela política econômica, pela cultura européia e certa flexibilidade nas negociações com os índios, impondo sobre estes uma tecnologia mercantil diferenciada, os holandeses tiveram êxito durante esse período colonial no Novo Mundo, desenvolvendo habilidades postas no aproveitamento das tecnologias dos ameríndios que os opositores espanhóis não souberam conquistar na costa da Guiana.

## **O INÍCIO DO ESPAÇO GEOCULTURAL HOLANDÊS NA AMAZÔNIA**

O estudo da História Regional e da História dos Povos Indígenas na Amazônia durante os séculos XVI e XVII é árduo por dificuldades no cruzamento das informações, a maior parte das fontes disponíveis foram escritas por europeus e nem sempre o pesquisador que mora em Roraima tem possibilidade de visitar os diferentes arquivos instalados nos grandes centros acadêmicos nacionais ou internacionais.

Culturalmente os índios não registraram sua história em documentos escritos no formato da cultura européia de concepção de um Mundo Moderno. Quase todos os dados que dispomos revelam que as relações entre o povo holandês e o índio amazônico, durante a expansão holandesa no século XVII, aparecem caracterizadas nas trocas comerciais, no processo sócio-econômico de triunfo holandês. Isso é comprovado mais claramente com a permanência do holandês na Amazônia entre o final do século XVI até o começo do século XIX, quando a região passou para o poder Britânico (1814).

A história do povo holandês começou no final do século XVI, quando em 1581 as Províncias Unidas dos Países Baixos governadas pela Espanha ganharam sua independência. A Holanda era parte dessas províncias e uma guerra entre os Países Baixos e a Espanha se estendeu até 1648, mas tiveram alguns intervalos de paz.

O holandês, após sua independência, também se tornou inimigo de Portugal que foi unificado em 1580 até 1640 com a Espanha (União Ibérica). Assim, as colônias portuguesas também eram alvos de ataques holandeses.

Foi no começo do século XVII que a pequena nação, as Províncias Unidas dos Países Baixos, com a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e Orientais<sup>7</sup> tornou-se a principal nação comercial da Europa, com a mais importante potência naval e conhecedora das rotas oceânicas do Atlântico. Amsterdã era a capital (comercial e financeira) dos Países Baixos que tinham no seu interior jogos políticos com interesses diversos em relação ao Novo Mundo. Essa nação estendeu suas redes comerciais por toda parte do planeta, estabelecendo colônias em lugares tão distantes quanto em Java (ilha da Indonésia) como na região do rio Essequibo (hoje Guiana, na América do Sul).

Foi nessa proposta de rotas comerciais e diversificados negócios que a colônia holandesa do Essequibo foi instalada em 1616. Tal colônia, fundada na cultura do açúcar, plantações de cacau e algodão nas margens do rios, desempenhou o mais importante papel administrativo e militar no começo do século XVII na região. Nessa empreitada a grande mão-de-obra foi do escravo africano, mas a farta utilização dos serviços dos índios foi de fundamental importância na valorização política e econômica do Essequibo (FARAGE, 1991).

A região do Essequibo foi um ponto ideal para a ocupação holandesa pela costa, quando em 1615 estiveram nessa citada região fazendo contatos e comercialização com os índios. O holandês não encontrava nessa escondida terra amazônica representante da Espanha e nem de Portugal. Os recursos dessa terra ampliavam o poder político e davam aos holandeses muitos lucros. Os bens europeus (tecidos, espelhos, armas, pólvoras, facões, etc.) eram trocados pelos bens tropicais como madeira, tintas, óleos entre outras especiarias e drogas do sertão. Nesse período, os espanhóis estavam presos na região do Orinoco e não

---

<sup>7</sup> A Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e Orientais foi fundada por uma carta-patente do Estado Geral dos Países Baixos, em 3 de junho de 1621. Uma das metas da Companhia era o de proteger e oficializar o comércio de contrabando conduzido pelos holandeses nas áreas costeiras da América, da África e outras regiões de posse dos Reinos Ibéricos: Espanha e Portugal. A Companhia tinha amplos poderes políticos e econômicos para negociar tratados, fazer guerra e paz com representantes dos povos nativos, designar funcionários, governadores ou legisladores para suas posses que estavam sob as leis dos Países Baixos. **Cf.** Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch West Indian Company**, no [www.guyana.org](http://www.guyana.org), visita em 24/02/2006 às 11:27.



encontravam a trilha pelo interior até o Essequibo (utilizada pelos índios) e os portugueses no Grão-Pará (1616) também desconheciam o caminho fluvial para o rio dos holandeses (Essequibo com provável extensão até o rio Branco).

Desse modo, a colônia holandesa do Essequibo liderou o poder político e comercial na Guiana que sentiu a necessidade da construção de um forte para defesa militar nessa região que despertava interesses da sociedade européia das nações rivais, ciosa de riquezas, triunfos, honra e poder. Em 1616, o Forte Kijkoveral foi construído dando maior apoio à política expansionista do holandês. Estrategicamente estava localizado numa pequena ilha na junção dos rios Cuyuni e Mazaruni, afluentes do Essequibo e ficou sob a liderança de Groenewagen (DREYFUS, 1993). O nome do forte é derivado do holandês e significa “Olhar tudo de cima” por causa da predominante visão do rio e da região.

Em 1621, o governo geral dos Países Baixos passou para o recente Estado Holandês, por meio da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais, o controle do posto comercial e militar do Essequibo. Assim, esse local de trocas e defesa ficou sob a administração holandesa até o começo do século XIX. Embora essa região tenha sido reivindicada pelos espanhóis com base no Tratado de Tordesilhas, enviando patrulhas periódicas por toda a costa no início do século XVII, os holandeses ganharam o reconhecimento oficial da posse dessas terras com a assinatura do Tratado de Munster, em 1648<sup>8</sup>.

Em 1627, após a instalação da colônia do Essequibo, a Companhia estabeleceu uma segunda colônia no rio Berbice, a sudeste do Essequibo. No ano de 1741, entre o Essequibo e Berbice, foi instalada a colônia do Demerara que em 1773 emergiu como uma colônia governada diretamente pela Companhia das Índias Ocidentais. Pelos tempos de 1680, o holandês mantinha um posto de comércio com os índios na região de savana norte e oeste do rio Cuyuni. Na região oeste do rio Orinoco, os espanhóis mantinham um comércio de cavalos e alguns desses cavalos foram levados para o Forte Kijkoveral, onde foram enviados para os moinhos de açúcar das plantações do Essequibo. Além do sucesso na agricultura, esses colonos holandeses, com posto de comércio ao longo do rio Essequibo, aprenderam com os índios técnicas de caça e pesca aumentando os produtos para a comercialização<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Cf. Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch West Indian Company**, no [www.guyana.org](http://www.guyana.org), visita 24/02/2006 às 16:34.

<sup>9</sup> Idem, Op. Cit.

Outro tema que merece atenção nessa empreitada, foi a constatação da participação da comunidade judia junto ao holandês que viajara para o Novo Mundo e tornaram-se ricos comerciantes e prósperos fazendeiros. Com o processo inquisidor da Igreja Católica nos reinos Ibéricos, vários grupos de judeus que possuíam negócios e propriedades na costa brasileira fugiram para as ilhas do mar Caribe ou para a costa da Guiana, onde a boa hospitalidade das outras nações européias, entre elas a Holanda, foi celebrada com esse novo imigrante que era o homem do capital<sup>10</sup>.

A presença dos judeus na formação histórica das ilhas do Caribe e das Américas precisa ser mais bem estudada, mas é sabido que o imigrante judeu contribuiu para o poder holandês nessa região e tiveram muitos êxitos nos seus diferentes modos de fazer negócios. Esses judeus estavam na vanguarda dos colonos do século XVII, que deram importantes contribuições na construção sócio-econômica e cultural nessa região do Novo Mundo.

Nesse cenário de florestas, montanhas e savanas com muita água, a palmeira de buriti e cajueiros selvagens eram abundantes. Esses frutos, peixes e animais da selva faziam parte da dieta dos distintos grupos de índios<sup>11</sup> que habitavam os diferentes ambientes dessa região amazônica e que mantinham forte contato com outros grupos das ilhas caribenhas. A mandioca foi o principal produto nessa dieta, na produção de variados pratos ou produtos alimentícios.

Assim sendo, a cultura da mandioca, da cerâmica e da cestaria auxiliou no desenvolvimento tecnológico dos grupos indígenas que em seus diferentes comportamentos culturais souberam utilizar essas técnicas na organização dos seus processos históricos. A utilização da pedra, da cerâmica, da tecelagem, da agricultura, da pesca, da coleta e caça, entre outros afazeres deram aos grupos indígenas dessa complexa região a divisão sexual do trabalho e dos ritos que foram dando marcas nos seus territórios. Existem na savana de Roraima enormes blocos de pedras que trazem gravadas o registro pré-histórico desses ameríndios, por meio de desenhos ou pinturas e que necessitam de

---

<sup>10</sup> Idem.

<sup>11</sup> Grupos indígenas Caribe, Arawak, Akawois ou Waikas na costa e ilhas. Havia notícias também de grupos denominados como Makuxi, Wapixana, Manoa ou Manao, Pakaraima, Patamona, Paraviana, Omágua, Tecuna entre outros grupos lingüísticos de difícil identificação na época (ACUÑA, 1994; BOXER, 1961; DREYFUS, 1993; FARAGE, 1991; OLIVEIRA, 2003; REIS, 1989; SAN MARTIN, 2002).

estudos para compreendermos esse referido processo da nossa história amazônica com possível diálogo com os grupos culturais da região caribenha.

Alguns estudos antropológicos, lingüísticos, arqueológicos e etno-históricos revelaram que esses índios conheciam e percorriam essa região de planície entre as bacias dos rios Orinoco, Essequibo, Amazonas e as ilhas do mar Caribe. Antes do encontro com os europeus os índios tinham o poder político sobre as rotas comerciais. Supõe-se que essas redes de relações eram estendidas desde as ilhas em direção à costa no Atlântico Norte (Guiana/Essequibo) estendendo-se para o interior amazônico, entre múltiplos negócios, alianças ou contatos com os índios dos Andes, do Pará, do Maranhão e do Mato Grosso. Podemos dizer que, os contatos e os diálogos nessa rede de múltiplas relações de vivência sócio-política entre os grupos indígenas, originaram-se impérios pelos quais os índios foram organizando suas culturas e sociedades.

O impacto da colonização européia sobre essas alianças e movimentações dos distintos grupos de índios foi grande e não temos notícias de estudos mais atentos ao encontro do homem europeu do século XVII e esses ameríndios, dentro de diversificadas realidades caribenhas, amazônicas, andinas. Contudo, podemos arriscar em dizer que o mundo holandês centrado na colônia do Essequibo aos poucos foi tomando posse das aldeias ou de seus povos, rompendo os liames comerciais e culturais intertribais e até mesmo com os impérios europeus vizinhos<sup>12</sup>.

Para esses diferentes grupos indígenas da Amazônia que ora eram aliados dos espanhóis, ou dos ingleses, ou dos franceses, ou dos portugueses, parece que recebiam dos holandeses um tratamento menos violento. No entanto, essa ação diferente na dominação do ameríndio utilizada pela colônia do Essequibo e pelos outros países europeus na América do Sul é um tema que merece um estudo mais aprofundado. Apesar disso, observamos que a colônia do Essequibo com o Forte Kijkoveral eram o lugar de ajuda militar e proteção para os tratados de paz entre os indígenas em disputas, tanto entre si ou os que fugiam do poder de força das outras potências européias<sup>13</sup>.

<sup>12</sup> Cf. Amazônia e Karíb: Visões e Leituras Etno-históricas. Texto que resultou do encontro entre os professores doutores Odileiz Cruz e Reginaldo Oliveira da UFRR com Lodewijk Hulsmann/ Universidade de Amsterdam, durante a V Semana de Letras/ UFRR, em maio de 2006.

<sup>13</sup> Idem

Os ataques de piratas ingleses, franceses e espanhóis tanto na região do Pomeroon coast como na colônia do Essequibo, buscando alianças com os indígenas para enfraquecer o poder holandês se fizeram presentes no século XVII e começo do XVIII. No entanto, o holandês resistiu e sempre contava com alianças indígenas na matança dos invasores.

Dentro desse contexto de disputas de poder político no Atlântico Norte e busca da rota para a cidade de Manoa, os representantes das outras potências européias olhavam a colônia do Essequibo, que dominava as trilhas para o interior amazônico, como um entrave para as pretensões de ocupação do grande vale da bacia do rio Branco que era totalmente desconhecida pelo europeu da primeira metade do século XVII. Isso parece ser comprovado quando analisamos mapas confeccionados nesse período. O mapa publicado na Holanda em 1662 de Guilherme Blaeus sobre o Litoral Amazônico, conhecido como “Atlas Major” mostra um imenso lago denominado “Parime Lacus” e uma cadeia de montanhas que se abre em “V” na direção Norte Sul ocupando parte do território de Roraima, Amazonas e Venezuela, hoje. Um outro mapa dessa mesma região elaborado por Samuel Bucley em 1698, com base nas informações de Acuña (1641) que foi o cronista da expedição de Pedro Teixeira, também mostra um curioso lago com rios que deságuam no rio Orinoco. O rio Orinoco se mostra com ligação direta com o rio Negro e Amazonas. Não há referência ao rio Branco que na nossa historiografia é dito ter sido descoberto por Pedro Teixeira.

Por sua vez, inconformados com o sucesso dos holandeses, os espanhóis enviavam relatórios ao rei da Espanha descrevendo as atividades e abusos dos holandeses nessa região da costa da Guiana, do Essequibo e ilhas do mar Caribe. Denunciaram que os holandeses do Essequibo atacaram em 1637<sup>14</sup> as ilhas de Trindade e Santo Thomé e que em 1638 estavam ocupando novas terras, fundando novas colônias e ampliando as alianças com os índios do Orinoco, especialmente os grupos Caribes. Para aplacar os embates de seus representantes nessas regiões em constantes conflitos, a Companhia das Índias Ocidentais e o Rei da Espanha estavam sempre renovando acordos de entendimentos e de paz.

---

<sup>14</sup> **Reclamação de 1637** à Corte da Espanha, entre as denúncias estavam também os casamentos entre as mulheres índias e os holandeses que recebiam privilégios com essas uniões (DREYFUS, 1993).

Nesse período de guerras entre as nações européias, cada distrito da colônia holandesa do Essequibo era organizado com instruções militares de defesa. Para tal ação, foram designados pelo Tribunal de Políticas do Essequibo comissários para visitarem as plantações e organizarem os colonos contra os ataques dos corsários europeus que também tinham aliados indígenas. Dentro desse contexto de relações comerciais a política de cooperação militar foi outro caminho utilizado para o êxito da colônia no Essequibo.

De certa maneira, nesse ambiente de lutas, o holandês também estaria interessado na lenda do El Dorado e começou a empreender expedições para o Sul da região do Essequibo. Em meados do século XVIII, o holandês chegou e tomou posse dos rios Tacutu e Branco, mas não encontrou o tal lago Parima e a cidade dourada. Nessas viagens deu notícias de aldeamentos espanhóis próximos dessas áreas, onde travaram batalhas e expulsaram os representantes da Espanha.

Por volta de 1739/1740, com a morte do comandante Gelskerke que era o governador da colônia do Essequibo, o comandante Laurens Storm van Gravesande foi nomeado para administrar a referida colônia. Esse novo governador trouxe para o Essequibo novas políticas agrícolas e educacionais, reorganizou regulamentos para melhorar a vida dos colonos. Gravesande nomeou membros colonos para o Conselho de Política e Conselho de Justiça, instalados na Colônia do Essequibo, democratizando o poder. Com apoio da Companhia das Índias Ocidentais investiu numa indústria mineradora na colônia. Pesquisas geológicas foram realizadas nos distritos de Mazaruni e de Cuyuni<sup>15</sup>.

O Governador Gravesande, por meio dessas novas medidas políticas, fortaleceu o poder sobre toda a bacia do Essequibo, ampliou as alianças com os índios que viajavam em direção aos rios Branco, Negro, Amazonas e também ao Orinoco. Esses índios operavam na rede de comércio dos holandeses, realizando perigosas caminhadas ou navegando em pequenas canoas, reafirmando alianças e estabelecendo contatos com outros grupos de índios, que eram seduzidos para atuarem na malha comercial de diversificado produto europeu e tropical.

---

<sup>15</sup> Cf. Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch settle in Guyana**, no [www.guyana.org](http://www.guyana.org), visita em 20/02/2006 às 11:10.

Foi nesse período que Gravesande enviou o agrimensor Nicolau Horstman numa expedição para localizar a fonte do rio Essequibo e marcar a região com uma bandeira da Holanda. Após essa missão, correu rumores na colônia holandesa que Horstman<sup>16</sup> havia abandonado a região do Essequibo e que ele tinha ido trabalhar para os portugueses no Grão-Pará.

Com a expansão agrícola, a população de escravos africanos cresceu na costa da Guiana e no Essequibo. Semelhante aos outros colonizadores europeus, o colono holandês dava tratamento severo e castigos brutais aos africanos. Quando tinham oportunidades os escravos africanos fugiam para o interior da floresta em direção ao Orinoco ou ao Grão-Pará. Ao serem capturados com ajuda dos índios, os escravos africanos sofriam castigos até a morte como exemplo para outros escravos (africanos ou indígenas) não planejarem fugas<sup>17</sup>.

A partir de 1762, essa região dos holandeses viveu múltiplas rebeliões de escravos africanos, os quais receberam auxílios dos índios. A insegurança brotou em vários pontos e os colonos holandeses tiveram dificuldades para conter os rebeldes. Os africanos se uniam aos outros escravos e fugiam todos para a floresta.

No âmbito dessa problemática, com as constantes rebeliões dos escravos, das guerras entre as nações européias que sempre ocupavam por tempos efêmeros a costa da Guiana, do avanço pelo interior das comissões de demarcações de terras dos espanhóis e dos portugueses (Tratado de Madri, 1750), a colônia holandesa na Amazônia entrou em declínio. Aproveitando-se desse clima de

---

<sup>16</sup> As notícias sobre o desertor holandês Nicolau Horstman são confusas e merecem mais estudos. Alguns textos etnohistóricos dão notícias que o desertor holandês foi preso próximo ao rio Negro e levado para o Grão-Pará, onde em 1739 o seu depoimento transformou-se no primeiro documento escrito revelando detalhes sobre a rota fluvial ligando os rios Essequibo, Branco, Negro e Amazonas. Além das informações cartográficas deu esclarecimentos sobre a ação mineralógica no Alto Essequibo pelos holandeses. Essas informações foram publicadas pelo francês Charles Marie de La Condamine que esteve na região amazônica em 1743. Essa publicação francesa tornou-se instrumento básico para a cartografia dos viajantes do século XVIII (REIS, 1989; FARAGE, 1991; DREYFUS, 1993; OLIVEIRA, 2003).

<sup>17</sup> Cf. Federal Research Division of the Library of Congress. **The Dutch settle in Guyana**, no [www.guyana.org](http://www.guyana.org), visita em 20/02/2006 às 11:27.

conflito vivido pelo holandês na região, os ingleses e franceses começam a tomar posse de terras na costa da Guiana.

Na segunda metade do século XVIII, Lobo D'Almada em nome dos interesses do reino de Portugal fez acusações contra holandeses e espanhóis (crônicas, cartas), denunciando que esses estrangeiros não tinham interesse em evangelizar e nem “civilizar” o índio da região amazônica. Esses europeus estavam mais voltados para o comércio e o tráfico de escravos índios para a colônia holandesa do Essequibo (REIS, 1989; FARAGE, 1991).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao olharmos esse lugar do Essequibo, que foi o berço do poder holandês, um lugar de poder como um jogo político que comandou o mundo real da costa amazônica colonial, por meio do imaginário que tramitou em distintos modelos de relações indígenas e holandesas, identificamos o ato de criação espontânea dos colonos no controle dos grupos indígenas.

Pensando nesse jogo de interesses que tramita por modelos que comandam as relações sociais, Georges Balandier (1982), nos fornece dados para pensarmos esses argumentos na costa da Amazônia sob o comando holandês. Podemos imaginar que cada representante dos povos indígenas, mesmo de grupos étnicos distintos, marcou de um modo novo o seu território, o seu espaço político de poder estabelecido pela hierarquia do campo de poder da colônia holandesa do Essequibo.

Antes do contato europeu, esses ameríndios mantiveram redes políticas e de trocas comerciais no sistema tradicional de organização coletiva, bem articulados com a circulação de bens ou produtos e dos índios escravizados durante as guerras tribais. Podemos supor que, ao fazer uso dessa rede de poder indígena, de alianças e tratados de paz por meio de matrimônios, da circulação de mercadorias e tráfico indígena, o holandês do final do século XVI encontrou na costa da Guiana uma forte rede comercial indígena e foi criativo na utilização desses mecanismos em proveito próprio, ao colocar em circulação os manufaturados europeus na consolidada malha comercial Caribe e Amazônia.

Governando dos bastidores do Essequibo, o imaginário poder holandês se fez presente nessas múltiplas estratégias e talentos para a condução das práticas coletivas indígenas dentro das práticas individuais dos representantes, que incorporavam todos (índios e holandeses) num universo de ações do jogo da sociedade europeia do mundo moderno do século XVII.

Diferentes das notícias do poder político e econômico das colônias rivais (Portugal e Espanha), que estabeleceram a marca dos seus territórios usando a força e a violência para controlar os índios nos aldeamentos, tendo esse poder constantemente ameaçado pela fuga dos índios, parece que os holandeses souberam criar situações e circunstâncias para marcarem presença nos seus territórios reunindo alianças e não aldeamentos, tomando posse de territórios por meio da representação de vastas nações de índios.

Entretanto, esse mito sobre o herói holandês na Amazônia colonial, de autoridade democrática firmadas nas alianças com os representantes indígenas, dentro de uma ordem onde tudo parecia em harmonia, precisa de mais análises pelos nossos estudiosos da Amazônia.

Nessas ritualizações de negócios, por exemplo, não temos clareza da língua oficial usada tornando os representantes índios cúmplices dos colonos no Essequibo. A transposição da prática política e econômica do mundo moderno europeu, que é de outro modelo cultural, parece ter se adaptado na íntima relação de parentesco e trocas vividas pelos índios no espaço sócio-cultural amazônico.

Em 1814, esse território holandês na Amazônia foi formalmente entregue para o reino Britânico durante a Convenção de Londres. Alguns anos depois, em 1831, as colônias do Essequibo, Berbice, Demerara foram unificadas como Guiana Britânica, permanecendo assim até 1966 quando ganharam a independência do controle Britânico.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ACUÑA, Cristóbal de (1641). **Novo descobrimento do grande rio das Amazonas**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

BALANDIER, Georges. **O poder em cena**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

BOXER, Charles Ralph. **Os Holandeses no Brasil: 1624-1654**. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1961.

DREYFUS, Simone. "Os Empreendimentos Coloniais e os Espaços Políticos Indígenas no Interior da Guiana Ocidental (entre o Orenoco e o Corentino) de 1613 a 1796". In: CASTRO, Eduardo Viveiros de & CUNHA, Manuela Carneiro da (Orgs.). **Amazônia: etnologia e história indígena**. São Paulo: NHII/FAPESP, 1993.

FARAGE, Nádia. **As Muralhas dos Sertões – os povos indígenas do rio Branco e a Colonização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra; ANPOCS, 1991.



HULSMAN, Lodewijk. **Brazilian Indians in the Dutch Republic: The remonstrances of Antonio Paraupaba to the States General in 1654 and 1665.** Amsterdam, 2005.

IBGE. **Atlas de Roraima.** Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatístico. Rio de Janeiro, 1981.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. **A herança dos descaminhos na formação do Estado de Roraima.** São Paulo, 2003. Tese de doutorado/USP.

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **História do Amazonas.** Belo Horizonte: Itatiaia; Manaus: Superintendência Cultural do Amazonas, 1989.

SAN MARTIN. Walter Raleigh. **O Caminho do Eldorado** (The Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Emphyre of Guiana, 1595); adaptação e notas. Porto Alegre: Artes e Ofício, 2002.

Site consultado: [www.guyana.org](http://www.guyana.org)